



PAIXÃO FAMILIAR PELO BRAVO

No cimo do Monte de Nossa Senhora, junto à casa de família, pasta a Ganadaria António Figueiredo Lampreia. À conversa com os ganadeiros percebemos claramente que o toiro bravo faz parte da família, tornando-se mesmo motivo de conversa e de união entre o clã. Sob o ferro desta casa está patente a dedicação, a vontade de fazer melhor, dando ao mesmo tempo oportunidade aos mais novos para brilharem no campo.

"O nosso pai era um grande aficionado e sempre nos nutriu este sentimento imenso pelo toiro bravo. Ensinou-nos a ser aficionados quer da praça de primeira, como da praça desmontável, quer das figuras de toureiro, como dos toureiros em início de carreira. Para nós tudo isto é natural, porque nascemos dentro deste mundo", recorda Joaquim Lampreia.

Durante a conversa com Maria e Joaquim Lampreia, que em conjunto com o irmão representam a terceira geração desta ganadaria, percebemos que a vacada brava é muito importante, procurando sempre através de critérios de seleção rigorosos apurar os melhores comportamentos.

"Para o toiro bravo gerar espetáculo torna-se fundamental a qualidade e o movimento, mas seguindo sempre o seu caminho. Numa palavra tem que ser honesto, mas salvaguardando os outros critérios de seleção como o recorrido, a humilhação e a capacidade de resistência durante o tempo de lide. Durante a investida o toiro não pode ter más intenções, como adiantar-se ou esperar pelo cavalo. Contudo, como já foi

referido o processo de seleção é deveras subjetivo, mas acaba por incutir interesse e gosto tanto à festa brava, como à criação", sublinha o ganadeiro.

Nesta ganadaria a tenta segue a forma tradicional, ou seja, usa-se o capote, a "puya" e depois as vacas são toureadas com a muleta. "Os momentos mais importantes são a saída da vaca para o cavalo, o comportamento debaixo do cavalo e a forma como investe na muleta. Assim, o posicionamento da vaca e do cavalo é crucial. O cavalo é colocado num sítio contra crença e a vaca nas primeiras varas deve ficar na distância adequada, fixando o cavalo e respondendo aos toques do picador. A prontidão e o galope são alguns dos critérios avaliados nessa altura. Na muleta observamos a investida, a resposta aos toques, o recorrido e a durabilidade durante a lide. Claro que chegar à excelência é muito difícil e temos de ir trabalhando", explica Joaquim Lampreia e acrescenta: "Normalmente nas tentas chamamos a Escola de Toureiro da Moita, porque queremos dar espaço aos novos talentos



para crescerem e aprenderem, pois eles necessitam de vir ao campo treinar e estes momentos dão-lhes uma vontade acrescida em mostrarem o seu melhor".

"Não estamos a falar de um negócio. Queremos tirar o máximo partido destes momentos e por isso convidamos os nossos amigos, para também irmos trocando impressões e sentimentos. Aqui estamos sempre em aprendizagem constante. Cada caso é um caso, logo a expectativa do que vai acontecer é imensa, e é tudo isso que nos dá alegria e vontade de continuar a preservar a raça brava", completa Maria Lampreia.

Na posse da família desde 1942, esta ganadaria nasceu por vontade de Manuel António Lampreia com vacas de origem Palha e sementais de Perez Tabernero, tendo

lido a primeira corrida em 1945. Esse encaste acabaria por ser eliminado, sendo substituído por vacas de Dr. António Silva, Visconde das Fontainhas, Lopes Aleixo e sementais Silva e Pinto Barreiros. Após o seu falecimento, a ganadaria passou para os filhos, sendo a mesma no início da década de 70 adquirida na totalidade por António Figueiredo Lampreia, que modifica ferro e divisa, até à altura das ocupações agrárias. Mais tarde, em meados da década de 80, a ganadaria foi reconstruída com vacas procedentes de Cabral Ascensão, Charrua e com um semental de Dr. António Silva. Posteriormente, o efetivo foi aumentado com vacas Brito Paes e e sementais Brito Paes e Rio Frio, que continuam a ser a base da vacada brava, embora tenha sido introduzida uma linha procedente da casta Ibarra.